

HATHERLY, Ana. *O pavão negro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

Rogério Barbosa da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais

No primeiro semestre de 2003, foram editados simultaneamente dois livros de poesia de Ana Hatherly: *Itinerários* (edições Quasi) e *O pavão negro*. Esse acontecimento editorial tem relevância por apontar tensões e ratificar múltiplas linhas temáticas e formais da poesia de Ana Hatherly, já bastante conhecida por se tratar de uma artista polivalente, atenta e crítica em relação aos problemas da escrita, bem como daqueles que a vivência do mundo contemporâneo nos impõe. Assim, enquanto em *Itinerários* podemos surpreender o poeta como um “novo flâneur” de fim-de-século, aturdido pela potência das redes de simulacros ou pelas “grandes superfícies do consumo”, em *O pavão negro* nos deparamos com o tema da escrita, naquilo que ela possui de mudez e sombra, mas também da potência misteriosa da palavra, capaz de abrir novos flancos no corpo da linguagem ou de fazer cintilar a vida nessa mesma

linguagem-cárcere que é a escrita. Aliás, esse tema é recorrente na obra poética de Ana Hatherly, tanto na visual quanto na poesia verbal. Vários títulos apontam isso: *Mapas da imaginação e da memória* (1973), *Escrita Natural* (1988), *A cidade das palavras* (1988), *A idade da escrita* (1998), *Hand Made* (2000). É desse trânsito intermitente entre o verbal e o não-verbal, entre o poema do pensamento e o da expressão subjetiva que surge uma poesia multifacetada e complexa, produzida por Ana Hatherly desde os fins dos anos de 1950. O poema que dá título ao livro serviu como um guia para uma exposição, em 1999, de trabalhos de poesia visual e de pintura – quase sempre experiências-limite na produção da autora, uma vez que, como lembra Pedro Cunha e Silva, essa confluência acaba por constituir uma obra alimentada pela bipolaridade “escrita ou pintura, pintura ou escrita; escrita e pintura, pintura e escrita.” (p. 11). Estabelece-se, com

isso, um jogo de caos e ordem, dado que essa última instância é a que permite a existência da escrita, enquanto a primeira cria a possibilidade de re-alimentação infinita da linguagem, como se lê no poema “Um campo aleatório”: “A língua:/ um campo aleatório” (p. 40). No poema-guia, “O pavão negro”, a escrita (ou o escrever) é a “Última instância rebelde/é jogo/ luta/luto/ grito calado” (p. 19). Para que esse grito não se perca no ar, para que ele se torne beleza e, principalmente, para que nós possamos dar conta desse “real” que nos atinge e anula, precisamos da escrita:

“(…)

II

O agudo grito do pavão
reverbera
e depois perde-se no ar

Na escrita
torna-se imagem
a imagem que a tinta reproduz
no assalto do ver-ler

A sua sedução
é um ponto de partida
feito de rastros
restos
resíduos
um jogo de dados” (Ibidem, p. 20)

Como se percebe neste fragmento, escrever é jogar um jogo que leva, ao mesmo tempo, ao fim da escrita e ao seu reinício perma-

nente, já que ela tem como ponto de partida os seus rastros e resíduos. O que a escrita tende a fixar, o grito do pavão/a dor do poeta, é também o que se perde no infinito jogo dos sentidos. Portanto, as lágrimas do poeta são feitas de tinta, são palavras de papel – “coisas/que não existem/senão assim/nesse real imaginado.” (p. 46). Justamente porque a palavra tem essa estranha potência de fixar o não existente ou re-imaginar o que existe, tudo cabe dentro das palavras, dentro dos poemas:

“O vôo sinuoso das aves
as altas ondas do mar
a calmaria do vento:
Tudo
tudo cabe dentro das palavras
e o poeta que vê
chora lágrimas de tinta.”
 (“As lágrimas do poeta”, p. 22)

No decorrer da leitura de *O pavão negro*, vamos recolhendo as imagens-metáforas da escrita que, se não explicam o título do livro, ao menos aguçam os sentidos para as palavras, conforme a poeta, nossas “línguas dos olhos”: “lágrimas de tinta”, “Um rio de escondidas luzes”, “micro-horizontes”, “montanhas de espuma”, “palavras-objectos”, “símbolos persistentes”, “sombras”, entre outras. Afinal, a escrita nada mais é do que sombras, simulacros do real. Ana Hatherly faz-nos

lembrar, em contraponto, a imagem do cisne na poesia simbolista, em seu mavioso canto de morte. Na sua “caixa de ferramentas”, entretanto, a nostalgia é “o adeus da paixão”, é a “sombra desmaiada/emergindo cada vez mais lenta”, é a “lassidão crepuscular, /assassina do dia”. Por isso, ao invés do cisne, Hatherly prefere o pavão como metáfora de sua linguagem poética. O encantamento que emerge de seu vôo é frágil e misterioso, principalmente é preciso ver e querer ver para o alcançar:

“III

O voo do pavão do pavão
Cruza o ar da página
e logo pára
pousando na copa do sentido

O seu largo leque
só se abre

quando alguém o vê
quando alguém o quer

Só então desdobra
o radioso encanto
do seu frágil mistério” (p. 21)

Em outras palavras, também de Ana Hatherly, nas “metáforas de “O cisne intacto”, reproduzido em *Um calculador de improbabilidades* (Quimera, 2001), isso quer dizer que

“O texto é um espaço
crítico
uma experiência
de quem
lê
esparso
intrépido
o livre
livro
ofuscado por nós”
(HATHERLY, 2001, p. .303).